



Arqueologia do norte alentejano

COMUNICAÇÕES DAS 3.ªS JORNADAS

André Carneiro, Leonor Rocha,
Paula Morgado e Jorge de Oliveira

Editores



Edições Colibri



Câmara Municipal de Fronteira

Biblioteca Nacional – Catalogação na Publicação

JORNADAS DE ARQUEOLOGIA DO NORTE ALENTEJANO, 3, FRONTEIRA, 2005

Arqueologia do Norte alentejano : comunicações / das 3.ª Jornadas de Arqueologia do Norte Alentejano ; coord. André Carneiro... [et al.]. – (Extra-colecção)

ISBN 978-972-772-899-2

1 – CARNEIRO, André, 1973-

CDU 902
061

Título: Arqueologia do Norte Alentejano.
Comunicações das 3.ª Jornadas

Coordenação: André Carneiro, Leonor Rocha,
Paula Morgado, Jorge de Oliveira

Editor: Fernando Mão de Ferro

Edição: Edições Colibri / C. M. de Fronteira

Capa: João José Bica e João Cutileiro

Depósito legal n.º 294 009/09

1.ª tiragem, Lisboa, Abril de 2011

2.ª tiragem, Lisboa, Maio de 2011

ÍNDICE

- 11 As 3.^{as} Jornadas de Arqueologia do Norte Alentejano (Fronteira, 2005), seis anos depois
Pedro Namorado LANCHÁ (Presidente da Câmara Municipal de Fronteira)
- 13 Evocação das 2.^{as} Jornadas de Arqueologia do Norte Alentejano
Jorge de OLIVEIRA

COMUNICAÇÕES

- 19 A Arqueologia do Norte Alentejano vista do outro lado da raia (Fronteiriza)
Juan Javier Enríquez NAVASCUÉS
- 25 Geo-archaeological research in the Northeastern Alentejo
S. DEPREZ, M. de DAPPER, Ch. de JAEGER & F. VERMEULEN
- 35 Primeiros dados sobre a Pré-história antiga do Nordeste alentejano
Nelson ALMEIDA, Vânia CARVALHO & Augusto AVELEIRA
- 45 Trabalhos arqueológicos na Coudelaria de Alter
Jorge de OLIVEIRA
- 63 Fronteira megalítica: algumas considerações gerais (enquanto as particularidades não estão ainda disponíveis) a respeito das «necrópoles megalíticas» da área do Concelho de Fronteira
Marco António ANDRADE
- 83 Arqueología del paisaje y técnicas estadísticas para el conocimiento del megalitismo de la cuenca del Sever: el *análisis discriminante* como método de clasificación
Elías López-Romero González de la ALEJA
- 95 O povoado calcolítico de Cabeço do Zebro
Pedro M. López ALDANA & Ana Pajuelo PANDO
- 101 As gravuras do Cabeço do Zebro. Uma perspectiva crono-estilística
Pedro M. López ALDANA & Augusto Jorge AVELEIRA

- 111 O Campaniforme no Alentejo: contextos e circulação. Um breve balanço
António Carlos VALERA & João REBUGE
- 123 *Primeira Mesa Redonda: "Turismo e Arqueologia"*
Moderador: Jorge de OLIVEIRA
- 137 Os rostos de Janus: estratégias de povoamento na mudança da Era
no concelho de Monforte
Paula MORGADO & André CARNEIRO
- 147 Espaços e tempos no sítio arqueológico de São Pedro (Cabeço de Vide,
Fronteira): um balanço dos trabalhos de escavação realizados entre 2000
e 2004 (e uma perspetivação do que se poderá seguir)
André CARNEIRO
- 163 Ânforas romanas no concelho de Fronteira. Exemplares recolhidos
entre 1999 e 2002
Vera ALVES & André CARNEIRO
- 193 De *Augusta Emerita* a *Olisipo*: proposta de traçado para o primeiro troço
da via XII do Itinerário de Antonino
Maria José ALMEIDA, André CARNEIRO, F. Germán RODRÍGUEZ
MARTÍN & Paula MORGADO
- 203 Marcas de oleiro em terra sigillata exumadas no actual concelho
de Fronteira. Um indicador fiável de trocas comerciais?
Eurico de SEPÚLVEDA & André CARNEIRO
- 223 Uma placa funerária romana do Nordeste Alentejano
José d'ENCARNAÇÃO
- 227 A Villa da Herdade das Argamassas – 1.º resultados de um projecto
em curso
Sandra BRAZUNA
- 241 Intervenções preventivas na área dos Estacionamentos (*Ammaia*)
Sérgio PEREIRA
- 259 *Segunda Mesa Redonda: "Apropriação ilícita de bens arqueológicos"*
Moderador: José d'ENCARNAÇÃO
- 273 *Terceira Mesa Redonda: "Arqueologia Regional: que futuro?"*
Moderador: Jorge de OLIVEIRA
- 287 Premiers résultats d'un projet de recherche d'archéologie du paysage
dans la basse vallée du *Wādī S. bīr* (Rio Sever): le territoire d'Ammaia /
Marvão de l'Antiquité tardive au Moyen âge
Jonhy DE MEULEMEESTER, Joke DEWULF, Mathieu GRANGÉ

- 311 *As Estruturas Militares da Serra das Talhadas na Passagem de Ródão (Vila Velha de Ródão e Nisa)*
Francisco HENRIQUES, João Carlos CANINAS, Armando SABROSA,
Fernando HENRIQUES & Jorge GOUVELA
- 333 *Carta Arqueológica de Nisa – 1.ª fase (revisão do PDM)*
Jorge de OLIVEIRA, Margarida RIBEIRO & Mário PINTO
- 351 *Contributo para o Conhecimento do Património Arqueológico do Concelho de Sousel*
Leonor ROCHA
- 361 *Fundação Arquivo Paes Teles: o legado de Mário Saa*
Elisabete PEREIRA
- 369 *Uma janela sobre Castelo de Vide. Projecto Museológico. Castelo de Vide. Das escavações arqueológicas à memória de um lugar*
Carlos ABAFA
- 395 *E depois do adus... Uma breve retrospectiva sobre a Extensão do Crato, do Instituto Português de Arqueologia (1998-2006)*
Nelson ALMEIDA & Leonor ROCHA

POSTERS

- 405 *Pinturas Rupestres do Ninho do Bufo na Penha da Esparoeira – Marvão. Notícia da sua Descoberta*
Margarida RIBEIRO
- 411 *Intervenção Arqueológica no Sítio de Marvão. O papel do arqueólogo no G.T.L.*
Cláudia PEREIRA
- 415 *Monumentos megalíticos do concelho de Arronches*
Jorge de OLIVEIRA, Emílio MOITAS & Clara OLIVEIRA
- 425 *Arqueologia urbana no centro histórico de Monforte*
Paula MORGADO
- 431 *Projecto de Recuperação e Valorização da Estação Arqueológica de Alter do Chão*
Jorge ANTÓNIO
- 435 *Alter do Chão na Antiguidade Tardia: estudos de antropologia funerária*
Marta Pinto REIS & Jorge ANTÓNIO

CONCLUSÕES GERAIS / PROPOSTAS FINAIS

Uma placa funerária romana do Nordeste alentejano

José d'Encarnação
Universidade de Coimbra¹

DEU André Carneiro a conhecer, no seu recente livro *Povoamento Romano no Actual Concelho de Fronteira* (Lisboa, 2004, p. 146), uma placa funerária inédita, existente em colecção particular e que poderá ser proveniente de Fronteira, embora se desconheça, por enquanto, o seu contexto arqueológico original.

Obedecendo aos cânones 'estilísticos' dos monumentos funerários da região, datável dos primórdios da ocupação romana, a placa – apesar do mau estado de conservação do seu campo epigráfico – dá testemunho da presença, aqui, de famílias cuja onomástica as permite ligar à primeira leva de colonos do território emeritense.

Integra André Carneiro a notícia do achamento da epígrafe no capítulo 6 – «Algumas evidências materiais: um olhar global», de que são subcapítulos «Terra sigillata» (6.1), «Cerâmica de paredes finas» (6.2), «Lúcernas» (6.3), «Ânforas» (6.4), «Cerâmica comum» (6.5), «Materiais de construção» (6.6), «A epigrafia» (6.7) e «Indicadores económicos (mós, escória, pesos de tear)» (6.8).

Remete o autor, ao tratar da epigrafia, para as 15 fichas inseridas a páginas 253-259, referentes a outras tantas epígrafes romanas e paleocristãs (2) documentadas no concelho e áreas circunvizinhas, incluindo as exaradas em mosaicos (de Torre de Palma, Monforte) e grafitos sobre cerâmica. André Carneiro, como tem por objectivo traçar uma panorâmica do povoamento romano, aproveita as referências epigráficas para, em jeito de conclusão, ainda que provisória, sublinhar que os documentos epigráficos – que são predominantemente de índole funerária – provam uma «provável romanização precoce» da zona, que também se apresenta, nessa época, como «um ponto de confluência de variadas gentes» – indígenas, cidadãos romanos (inscritos na tribo Quirina, que é a de *Ammaia*) e indivíduos de onomástica etimologicamente grega, a denunciar a presença de escravos e de libertos (p. 147).

Da epígrafe em apreço apresenta a fotografia possível (Figura 52, p. 146), sobre a qual acabei por trabalhar, sem que me tenha sido proporcionado o acesso ao monumento, pois se encontra em posse de particulares.

Trata-se de uma placa funerária moldurada à maneira tradicional na zona, logo desde os primórdios da vinda dos Romanos: um filete a delimitar o campo epigráfico, seguido, para o interior, de uma moldura não muito elevada em relação à superfície epigrafada e constituída *grosso modo* por uma gola directa alongada.

Não apresenta André Carneiro as dimensões da peça, mas não se afastará muito dos cânones frequentes na região: 55 x 85 x 15 cm.

De mármore branco, aparentemente do tipo Estremoz/Vila Viçosa, a placa sofreu duramente efeitos da erosão, que muito dificulta a percepção correcta dos caracteres ali gravados.

¹ A minha participação nestas 3.ª Jornadas de Arqueologia do Norte Alentejano processou-se no âmbito do Programa FERCAN, projecto de investigação a realizar-se no âmbito do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e do Porto (ECT).

Uns vêem-se, outros adivinham-se pelo contexto. Assim, André Carneiro sugeriu como leitura (p. 253):

A[D?]OMIA [---] MOE
 [-----] [H?]
 [-----] CV [B?]
 [-----] LLVSMA
 T M [----] F C

Não adianta, porém, face a tão escassos elementos, nenhuma proposta de interpretação ou de reconstituição do texto.

Abalancei-me, portanto, a essa tarefa, depois de solicitada a conveniente autorização para o fazer.

Assim, analisando os caracteres perceptíveis, os espaços existentes e um que outro traço visível, ousou, pois, propor a seguinte reconstituição, com as reservas devidamente assinaladas:

APONIAE·P·F·MOE
 NAE·AN·LXX·H·S
 EST·S·T·T·L·C·VIBI
 VS·L·F·CATVLLVS MA
 TRI·SVAE·F·C

Na l. 1, o gentílico APONIAE afigura-se-me sem dúvidas. *Aponius* é, aliás, de acordo com os dados do *Atlas Antropónimoico de la Lusitania Romana*² (p. 95, mapa 32), um nome de que se conheciam, até ao momento, 16 testemunhos (3 dos quais numa inscrição de S. Maria – Loures: CIL II 272). Distribui-se um pouco por todo o território lusitano, desde Fornos de Algodres a Melides (Grândola), sendo a capital da província, Mérida, a que detém maior número de pessoas com este *nomen* (3), aí também se atestando o uso do antropónimo como *cognomen* (*L. Domitius Aponius*: AE 1946 195). No *conventus Pacensis*, além do referido de Melides (IRCP 214), temos uma *Aponia Narcissa* em Elvas (FE 65 = AE 1985 501).

Também me parece clara a leitura MOE no final da l. 1, havendo nitidamente espaço e traços para duas letras antes. Uma delas seria o F – de *F(iliae)*; a outra, a sigla do *praenomen* do pai da defunta, que ousei reconstituir dubitativamente *P(ublii)*. Ora, MOE leva-nos a pensar no comum *cognomen* AMOENA (em dativo, AMOENAE); nesse caso, a possibilidade do nexa AM detém viabilidade.

Na l. 2, para além da terminação NAF, de que nada se enxerga, distingue-se com algum esforço, mas sem grande dúvida, o numeral LXX. Assim, pelo espaço disponível, teríamos antes a abreviatura AN, de AN(*orum*). H S, eventualmente separados por um ponto e deixando algum espaço à direita, reconstituem-se mui plausivelmente, de forma que, na l. 3, em que C VIBI se apresenta com nitidez, ter-se-á a costumeira fórmula final com o EST por extenso – e daí que não tenha cabido na linha anterior.

Na l. 4, há que ver a continuação da identificação do dedicante, em nominativo: o VS final, eventual filiação – reconstituí o L sob reserva – e o *cognomen*. Dado que a terminação VLLVS se vê com facilidade (André Carneiro viu bem LLVS), a hipótese CATVLLVS pode aceitar-se com alguma verosimilhança, atendendo primeiro ao espaço e, por outro lado, por se tratar de *cognomen* que não constituiria elemento anómalo na região. Na verdade, recorrendo de novo ao *Atlas Antropónimoico* (p. 137, mapa 83), verifica-se que se trata de nome documentado precisamente na bacia do Guadiana *lato sensu*: 9 testemunhos entre Trujillo e Tavira, dois no Alandroal (IRCP 458 e 515) e um em Estremoz (IRCP 456). *Vibius*, por seu turno, é gentílico assaz frequente – o *Atlas* (p. 340-341, mapa 325) regista 32 testemunhos – dos quais 11 em Mérida, 2 em Terena, 1 em Évora e outro em Elvas.

O final do texto não apresenta problemas.

² Publicado em Mérida e em Bordéus, com data de Dezembro de 2003, sob a coordenação de Milagros Navarro Caballero e José Luís Ramírez Sádaba, este *Atlas* é fruto de uma investigação de vários anos, de uma equipa internacional, sobre a onomástica da Lusitânia. Regista cada um dos nomes documentados em epígrafes e apresenta da quase totalidade um mapa de localização.

Retomando, pois, a epígrafe na sua totalidade, teríamos:

APONIAE P(ublii?) F(iliae) AMOE/NAE AN(norum) LXX (septuaginta) H(ic) S(ita) / EST
S(it) T(ibi) T(erra) L(evis) C(aius) VIBI/VS L(ucii) [?] F(ilius) [?] CATVLI.VS [?] MATRI SVAF.
F(aciendum) C(uravit)

O que, em português, significa:

*A Apónia Amena, filha de Públio (?), de 70 anos. Aqui jaz. Que a terra te seja leve! Gaio Vibio
Catulo (?), filho de Lúcio (?), mandou fazer a sua mãe.*

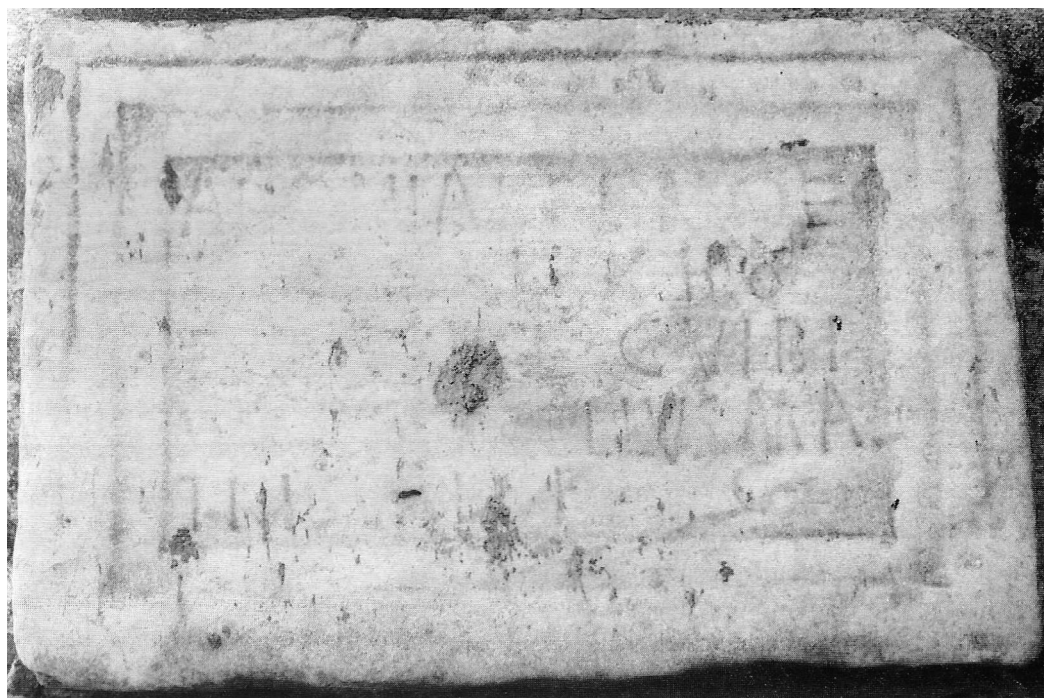
Os caracteres são actuários, por aquilo que se pode descortinar, nomeadamente no final das linhas 3 e 4, com o V estreito; o B assimétrico; os LI. de traços não completamente perpendiculares; o M dando a impressão de vértice central inferior mal conseguido; o A estreito, com barra e levemente inclinado para trás.

A paginação obedecceu, seguramente, apenas a alinhamento à esquerda.

Um comentário, ainda, à menção dos 70 anos: foi claramente arredondada em lustros, para dar a ideia de alguém que morre em avançada idade. Trata-se de um procedimento assaz comum na epigrafia desta área.

Pelo que acabamos de analisar, confirmam-se, com mais este monumento, os dados salientados por André Carneiro: a molduração de tipo clássico, a onomástica de raiz latina, o formulário latino também – tudo isso reforça o sentido de uma forte ligação à capital provincial e revela a precoce adaptação aos hábitos culturais romanos.

Pelo que se pode ver do modo como os caracteres foram gravados; pela organização do texto (designadamente a ausência de invocação aos deuses Manes e a identificação da defunta em dativo, como se de uma homenagem se tratasse), a epígrafe é datável da 2ª metade do século I da nossa era (dinastia dos Flávios).



A placa, segundo a referida fotografia de André Carneiro.